

A imagem da cidade como património vivo

The image of the city as live heritage

Marluci Menezes

Doutora em Antropologia Social e Cultural, Investigadora Auxiliar, Núcleo de Ecologia Social (NESO), LNEC, Lisboa, Portugal, marluci@lnec.pt

Martha Lins Tavares

Mestre em História da Arte e Restauro, Bolseira de Investigação, Núcleo de Arquitectura e Urbanismo (NAU), LNEC, Lisboa, Portugal, martha@lnec.pt

SUMÁRIO: Preservar e conservar a ‘imagem da cidade’ como forma de respeito pela história urbana e social, pelo nosso passado, presente e futuro, implica considerar as dimensões construtivas, decorativas e estéticas, mas também os significados, sentidos e valores simbólicos, sociais e culturais inerentes a tais dimensões. Tendo em conta que tais preocupações devem ser tidas como centrais, procurou-se reunir a experiência de dois técnicos de áreas diferenciadas, de modo a articular um conjunto de dimensões e implicações sociais, construtivas, físicas, culturais, etc. que, a nosso ver, deveriam ser levadas em consideração num processo de conservação e manutenção da imagem urbana.

PALAVRAS-CHAVE: imagem e património urbano, conservação, interdisciplinaridade.

ABSTRACT: Defending and preserving the “image of the city” as a way of respecting the urban and social history, as well as our past, present and future, implies considering not only the aspects related with construction, decoration and aesthetics but also the meanings, significance, as well as the symbolic, social and cultural values associated with those aspects. Moreover, by assuming that such concerns should be regarded as essential, we have tried to conjugate the experience of two technicians in different fields of expertise so as to articulate a set of different aspects and implications that should be taken into account in the process of conservation and maintenance of the urban image.

KEYWORDS: urban image and heritage, conservation, interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Preservar e conservar a ‘imagem da cidade’ como forma de respeito pela história urbana e social, pelo nosso passado, presente e futuro, parece ser um ideal a promover e desenvolver no âmbito da intervenção no património urbano. Neste sentido, dir-se-ia que a ‘imagem’ pode ser considerada como um bem cultural de primeira instância. Mas, como tal, a sua preservação tem de ser assumida como um ‘todo’ que, igualmente, interessa a todos nós. Pelo que, manter e conservar um lugar e a sua imagem implica considerar as dimensões construtivas, decorativas e estéticas, mas também os significados, sentidos e valores simbólicos, sociais e culturais inerentes a tais dimensões. Tendo em conta que tais preocupações devem ser tidas como centrais, reuniu-se a experiência de dois técnicos com formação disciplinar diferenciada, mas que estudam e reflectem sobre a cidade e o seu património, de modo a dar início a uma reflexão sobre as múltiplas questões relacionadas

com o processo de conservação, manutenção e reabilitação da imagem urbana. Neste sentido, procurando articular um conjunto de dimensões sociais, construtivas, físicas e culturais, com esta comunicação discute-se:

1. A ideia de que para preservar o património urbano é fundamental manter e conservar a sua imagem.
2. A importância de pensar a ‘imagem da cidade’ num sentido ampliado, conjugando uma variedade de dimensões (construtivas, estéticas, decorativas, sociais, culturais, etc.) em termos da sua relação com o espaço, tempo e sociedade, procurando não só o respeito pela história, mas também pelas mutabilidades inerentes à dinâmica social do espaço urbano.
3. Determinadas características socioculturais relacionadas com as formas de uso, apropriação e representação do espaço no bairro da Madragoa em Lisboa, para assim exemplificar a ideia da imagem urbana como um valor vivo. E, neste sentido, realçar a ideia de que é importante articular saberes de modo a reflectir e actuar *no* e *com* o património urbano a partir das suas múltiplas dimensões.

IMAGEM DA CIDADE E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO URBANO

A complexidade inerente às cidades exige que as tomemos como algo mais que simples resultados técnicos e construtivos, ou seja, muito mais que conjuntos de traçados viários e de distribuições mais ou menos ordenadas de edifícios circunscritos a determinadas áreas territoriais. A complexidade urbana de que se fala, evoca a necessidade do desenvolvimento de abordagens multidimensionais e dinâmicas dos vários e diferentes contextos urbanos, bem como dos vários e diferentes aspectos que constituem tais contextos. Isto implica pensar a paisagem urbana a partir da dimensão e composição das suas fachadas, assim identificando fisionomias urbanas específicas, como a relação entre as fachadas dos edifícios e as formas como o traçado viário se relaciona com os edifícios singulares, públicos, residenciais, espaços abertos e fechados, espaços públicos, semi-públicos e privados. Como ainda, pensar que a paisagem urbana é constituída e influenciada por práticas e valores socioculturais, simbólicos, históricos, políticos, artísticos, funcionais, etc. Dir-se-ia, assim, que a complexidade dos vários e diferentes aspectos e dimensões que constituem as cidades se reflectem naquilo que se considera como sendo a imagem urbana. Isto é, a imagem das cidades é complexa, multidimensional e dinâmica. Assim, julga-se que a conservação da cidade e da sua imagem também o são.

Consequentemente, a Carta de Cracóvia de 2000^[1] é clara quando refere que as comunidades têm a sua própria memória colectiva, sendo responsáveis pelo seu passado, pela sua identificação e pela gestão do seu património cultural. De modo que o património comunitário não pode ser entendido nem definido como sendo «único» e «estável». Assim, em concordância com essa mesma carta, manter e conservar um lugar e a sua imagem implica:

- Conservar os edifícios históricos e monumentos – mantendo a sua autenticidade e integridade.
- Conservar a decoração arquitectónica, esculturas e elementos – estes elementos fazem parte do património construído e devem ser conservados técnica e esteticamente, como por exemplo, a conservação das cores das fachadas dos edifícios mediante um projecto específico.

- Conservar os elementos que definem os espaços da cidade dentro da sua forma urbana e dos valores espaciais internos, considerados como partes essenciais do edifício;
- Recuperar os significados, sentidos e valores simbólicos, sociais e culturais das comunidades envolvidas.
- Conservar os centros históricos, entendendo que o processo de conservação do contexto urbano pode ocupar-se de um conjunto de edifícios e espaços abertos, bem como a intervenção deve considerar a cidade em termos do seu conjunto morfológico, funcional e estrutural, sendo parte de um território, do meio ambiente e da paisagem circundante.

Em concordância com aquela carta, ainda que nem todos os edifícios constituintes do centro ou núcleo histórico tenham valor arquitectónico de carácter especial, devem ser salvaguardados como elementos do conjunto, pela sua unidade orgânica, dimensões particulares e características técnicas, especiais, decorativas e cromáticas. Salientando que, por elemento de conjunto, são consideradas as obras arquitectónicas, as características estéticas e decorativas, construtivas e formais do exterior e do interior dos edifícios, as dimensões socioculturais e simbólicas das populações, na medida que tais aspectos dão forma a um território, a um determinado meio ambiente e a uma paisagem urbana específica. Assim, não se deve pensar apenas em monumentos emblemáticos verdadeiras obras de arte, mas também nos edifícios, nas praças, nos lugares do quotidiano e nos elementos do dia a dia que nos transmitem sensações.

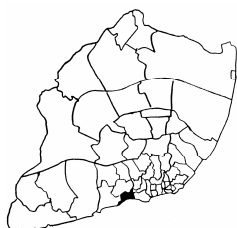
Por outro lado, também não se deve individualizar um conjunto histórico como sendo um recinto único e exclusivo de uma determinada cidade, sem antes ter em conta o resto do conjunto que o rodeia, já que a paisagem circundante, a envolvente urbana, também são frutos da história que deu lugar aos conjuntos com exclusividade patrimonial. Pelo que, deve-se pensar numa política e num projecto de conservação que permita, não só integrar as distintas áreas ou conjuntos urbanos, mas também integrar os valores socioculturais e simbólicos das populações envolvidas com tais áreas urbanas. O que traz à tona a necessidade de também construir políticas de reabilitação e conservação urbana que promovam a melhoria das condições de vida das populações e integrem os seus valores e representações socioculturais. Paralelamente à constituição de um processo de respeito pela harmonia estética e compositiva dos ambientes construídos, recuperando técnicas construtivas tradicionais e valorizando os aspectos históricos, artísticos, arquitectónicos, ambientais e sociais. Resguardando, entretanto, o facto de que os usos e costumes, as representações e valores das populações, as técnicas construtivas e decorativas, etc., estão em constante processo de mudança e transformação, ou seja, são dinâmicos. Isto é, no processo de salvaguarda da cidade deve-se, também, aprender a conciliar as dinâmicas de manutenção e conservação com as dinâmicas de transformação social, arquitectónica, política, económica, etc.

Com o intuito de objectivar um pouco mais certas ideias acima esboçadas, a partir do ponto que se segue, procurar-se-á desenvolver a ideia de que é importante pensar a salvaguarda da imagem urbana como património vivo. Para tal, se recorrerá a alguns elementos de âmbito sociocultural relacionados com a Madragoa^[2], bairro histórico e popular da cidade de Lisboa.

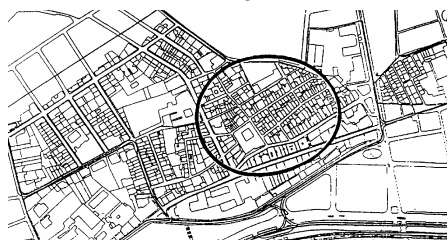
O BAIRRO DA MADRAGOA – ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Sem limites geográficos precisos e com limites socio-simbólicos flexíveis, aquilo que se pode considerar como o núcleo do bairro da Madragoa encontra-se inserido na freguesia de Santos-o-Velho. Numa perspectiva de enquadramento geográfico, o bairro situa-se numa encosta que se estende no sentido do rio Tejo (a Sul) e que a Norte se liga com a freguesia da Lapa.

Localização da Freguesia de Santos-o-Velho em Lisboa



Localização aproximada do núcleo do bairro da Madragoa



A malha urbana do bairro apresenta características dos séculos XVII, XVIII e XIX, sendo o seu tecido edificado de origem pré-pombalina e pombalina. Tal malha urbana é em quadrícula irregular e com descontinuidades de traçado, sendo formada por um conjunto de ruas principais paralelamente posicionadas em relação ao rio Tejo. A sua malha urbana é fechada, assemelhando-se a uma concha, muito embora na envolvente do bairro existam importantes vias de circulação viária, como por exemplo: a Calçada da Estrela, Av. D. Carlos I e Av. 24 de Julho. Ressalvando ainda que nessa mesma envolvente situa-se um dos pólos de atracção da cidade ao nível do divertimento lúdico e nocturno.

O terramoto de 1755 pouco alterou a malha urbana, sendo que as principais intervenções se deram nos anos seguintes com a construção de edifícios pombalinos. Até metade do século XIX registaram-se apenas algumas alterações ao nível da regularização dos edifícios, vindo a permitir a ampliação de determinados quarteirões, ainda que o traçado original das ruas se tenha mantido.

Existem referências à ocupação da área desde o período romano, visigótico e muçulmano, reportando-se, no entanto, ao século IV uma das principais referências ao sítio Madragoa referindo a construção de um templo paleocristão onde hoje se situa a Igreja de Santos-o-Velho. No entanto, somente a partir da segunda metade do século XVI é que se pode falar num desenvolvimento urbano daquela área da cidade. Na base desse desenvolvimento houve, por um lado, o estabelecimento do Paço Real de Santos por parte de D. Manuel e que tanto atraiu ordens religiosas, vindo a promover a origem de muitos conventos, como atraiu famílias nobres e burguesas, resultando no aparecimento de palácios e casas apalaçadas. Por outro lado, a constituição da Freguesia de Santos em 1566 também foi um importante marco para o desenvolvimento urbano da área.

Contudo, o vertiginoso aumento demográfico da área juntamente com o aumento da densidade construtiva, sobretudo nos pequenos quarteirões, somente se verificou em finais do século XIX, desse modo acompanhando o crescimento da população da cidade de Lisboa e que essencialmente se deu por motivos migratórios e, em grande parte, devido às migrações oriundas das regiões Centro e Norte do País. No caso da Madragoa, a proximidade com o rio, atraiu indivíduos ligados às actividades marítimas, sendo sobretudo oriundos da região de Aveiro – em específico de Murtosa e Ovar. Deu-se, então,

início a uma segmentação social do bairro que logo se reflectiria na sua organização espacial: os indivíduos com mais recursos económicos instalaram-se para Norte (em direcção à Lapa) e geograficamente nas partes altas da encosta; enquanto aqueles com menos recursos se instalaram no sentido do rio Tejo, dando origem ao que mais tarde se designou como um dos bairros típicos e populares de Lisboa cujos personagens mais conhecidos ficaram sendo as varinas (vendedoras ambulantes de peixe) e os pescadores. É, portanto, sobre essa Madragoa típica e popular que nos debruçaremos um pouco mais.

Face ao antigo tecido edificado, o bairro encontra-se em processo de intervenção urbana, inserindo-se numa área que é foco da política de reabilitação urbana e da responsabilidade do Gabinete Técnico da Madragoa. É notória a degradação do tecido edificado, o que se reflecte na precariedade das condições de habitabilidade e na própria degradação dos elementos arquitectónicos e decorativos. Na actualidade e do ponto de vista social, existe uma grande incidência da população idosa, observando-se que do ponto de vista das actividades económicas as situações predominantes referem-se aos reformados, domésticas, operários, trabalhadores dos transportes, comerciantes locais e estudantes. É uma população de fracos recursos económicos, escolares e profissionais.

Algumas características socio-espaciais

Dispositivos simbólicos de arranjo e percepção do espaço local

Observou-se que para os moradores, alguns dos principais dispositivos de arranjo socio-espacial e de delimitação do território do bairro respeitavam aos seguintes aspectos:

- Distinção imediata do bairro ao nível das: ruas estreitas; casas simples; carácter residencial local; referência às tradições do bairro (varinas, pesca, vendedores de jornais – ardinhas –, gente de Ovar e Murtoza, festas populares, etc.); especificidade do passado do bairro; peculiaridades de uso e apropriação do espaço local.
- Sentimento de pertença socio-espacial, reflectindo-se tal situação numa: distinção entre os que residem no núcleo da Madragoa e da envolvente (sobretudo aqueles que residem no bairro da Lapa ou na sua proximidade imediata), emergindo aqui uma lógica de inclusão / exclusão socio-espacial.
- Utilização de recursos de comparação / distinção: urbanística / funcional entre o bairro e envolvente; entre modos de vida; divisão do bairro em zonas separadas: centro (núcleo do bairro), periferia (zona envolvente ao bairro) e zonas intermediárias (zonas situadas nos entremeios do centro/periferia).
- Factores de especificidade territorial (respectivo às subdivisões internas do território): heterogeneidade dos territórios em função do uso/apropriação e da impressão social dos locais; das características arquitectónicas, urbanísticas, de imagem, estéticas e de escala; das características de estratificação e pertença social.

Elementos retidos na memória colectiva e representatividade dos rituais comemorativos

Em termos dos elementos retidos pela memória social e ao nível da representatividade de determinados rituais comemorativos, existem para os moradores determinadas referências mais significativas, como por exemplo:

- Referência aos locais que se destacaram no bairro em termos de convívio comunitário e dos actos/rituais e comemorativos, havendo especial incidência para as ruas situadas no núcleo do bairro.
- Recorrência às narrativas orais para contar o passado do bairro, sendo que tais narrativas detêm uma espécie de «áurea histórica».
- Origem geográfica e características socioculturais da população relacionadas com a região de Aveiro, bem como o facto de por muito tempo a maioria da população ter desempenhado actividades ligadas à pesca, venda ambulante e à estiva;
- As lembranças de que «antes» e «antigamente» havia mais convívio social e as tradições eram vividas de forma mais intensa.
- O facto de que no bairro viveram, nasceram ou trabalharam indivíduos com alguma representatividade para Lisboa.
- O destaque para as festas populares, os arraiais e as marchas.
- A representatividade sociocultural de determinados personagens, como as varinas e os pescadores, que funcionam como símbolos da própria identidade do bairro e como elementos de motivação para a reconciliação comunitária (destacando-se a constante (re)apresentação destes nas expressões festivas e rituais mais representativos do bairro).

No verão come-se nas ruas do bairro ...



Ruas decoradas para as festas Populares



A marcha da Madragoa a desfilar na Av. da Liberdade



Uso e apropriação dos espaços colectivos

Em termos das características de uso e apropriação dos espaços colectivos do bairro, verificou-se que: as ruas são os principais espaços de sociabilidade e convívio do bairro e referência para o desenvolvimento das sociabilidades e dos actos comemorativos; encontram-se diferenciadamente apropriados em termos de presença masculina / feminina / grupos etários, em função dos diferentes espaços e horas do dia.

A rua: lugar das brincadeiras infantis



A rua: lugar de encontros e convívio



A rua: lugar para se assar sardinhas



Imagem e percepção do ambiente

Ao considerar que a expressividade de um determinado lugar está intimamente relacionada com as representações socio-espaciais que dele se fazem e, por sua vez, com as práticas sociais e com os discursos produzidos sobre o espaço (inferindo a existência de dimensões simbólicas, para além das sociais e físicas), a compreensão do significado do bairro para os moradores revela-se uma premissa essencial para esboçar uma reflexão mais aprofundada sobre a imagem que os mesmos têm relativamente ao bairro onde vivem (sendo interessante também analisar tais referências do ponto de vista exógeno, de modo a procurar conhecer melhor quais são as imagens e representações que os indivíduos têm da Madragoa). Destacando-se para os moradores como elementos mais significativos: antiguidade residencial; tradições locais; imagem do passado; participação nas marchas populares da cidade; condições socio-habitacionais; apreciação do processo de mudança socio-espacial; a centralidade do bairro em relação aos equipamentos da cidade de Lisboa.

Chafariz da Esperança



Convento das Bernardas



Igreja de Santos-o-Velho



No entanto, a forma como o espaço se encontra arranjado e é percebido no decorrer da vivência quotidiana, evoca a existência de determinadas referências socio-espaciais que se repercutem como imagens culturais e mesmo urbano-arquitectónicas do bairro, destacando-se, por exemplo:

- As ruas estreitas e entrecruzadas, bem como a maior ou menor representatividade sociocultural e simbólica de determinadas ruas (por exemplo: a rua Vicente Borja é particularmente representativa para os moradores do bairro) e de algumas esquinas (como é o caso da Esquina da Paciência).
- A representatividade das ruas como espaço de encontro, convívio, festas, brigas, etc.
- A antiguidade de muitos moradores, o carácter «típico» e o convívio comunitário.
- Uma apreciação funcional e estética das diferentes zonas do bairro, que é classificado em termos de diferentes zonas em função de ser de maior ou menor atractividade e, neste sentido, os moradores sentem-se atraídos pelos edifícios de habitação em geral embora os considerem muito degradados, mas referem com particular incidência as ruas mais largas e com edifícios mais altos e imponentes (construídos entre finais do século XIX e primeira metade do século XX).
- A consideração de que determinados edifícios são prestigiantes para o bairro, sendo as categorias de classificação mais utilizadas relacionadas com a funcionalidade, imponência / dimensão do edifício, distintividade, localização e, em certos casos, a importância destes para o desenvolvimento das sociabilidades. Entre tais edifícios é particularmente destacado o Convento das Bernardas e o Chafariz da Esperança.

MANTER E CONSERVAR A IMAGEM URBANA NUMA PERSPECTIVA MULTIDIMENSIONAL

Pensar a salvaguarda da imagem da cidade histórica na sua complexidade e multidimensionalidade, coloca a necessidade de uma melhor articulação entre as diferentes frentes disciplinares e as distintas dimensões que enformam os contextos urbanos. Assim, considera-se que o processo de conservação, manutenção, enfim, de reabilitação urbana deva ser entendido como um processo global, implicando a reformulação de políticas de protecção de forma a associá-las a outras – como por exemplo, à melhoria da qualidade dos serviços públicos, à dinamização e requalificação dos espaços públicos, à dinamização sociocultural e económica das populações residentes em áreas históricas, etc. – para assim, assegurar a salvaguarda do património urbano, aqui entendido na sua multidimensionalidade. Neste sentido, alguns dos elementos supracitados relativamente ao bairro da Madragoa, servem para evidenciar determinados aspectos que, por um lado, são mencionados como importantes pelos moradores, enquanto, por outro lado, evidenciam determinadas componentes e representações que fazem parte da imagem do bairro. Como é o caso do convívio social nas ruas; do gosto por determinados lugares de conviviabilidade, como as esquinas, cafés, tascas e certas mercearias; a representatividade de determinados edifícios e da sua estética para identificação do bairro como típico, tradicional e popular, bem como a representatividade dos edifícios que conferem prestígio ao bairro, assim orgulhando os seus moradores; a importância das festas e rituais, dos seus elementos de decoração, das cores e temas utilizados, etc.

Ter em conta tais aspectos remete para a necessidade de também levar em consideração que a salvaguarda da imagem passa pela manutenção desses locais mais populares, evitando reabilitações demasiado «modernistas» ou de «moda» e com «estilo» ou demasiado «nostálgicas», em que se verifica que ao procurar atrair indivíduos que vivem e frequentam a cidade na sua globalidade, como forma de «dinamizar socioculturalmente e economicamente» o bairro, se pode cair no erro de criar espaços vazios e que, acima de tudo, acabam por excluir o morador local. Dir-se-ia que no conjunto das acções de reanimação também é importante reabilitar e salvaguardar as zonas/locais que são considerados importantes para a memória social dos habitantes, procurando desse modo conservar alguns dos elementos socioculturais que também estruturam imagem do bairro.

A manutenção e revitalização do património urbano, parecem estar intimamente relacionadas com a promoção do desenvolvimento social e da melhoria da qualidade de vida daqueles que habitam e utilizam a cidade histórica. Mas, em termos globais, isto traduz um desafio que evoca a necessidade de relacionar a proposta de salvaguarda e conservação com as propostas de trabalho, reflexão e actuação colocadas pelos distintos saberes científicos e técnicos, interesses políticos e económicos, e os interesses socioculturais, de modo a também articular tais dimensões e aspectos com os diferentes serviços públicos, com a intervenção que se desenvolve nos espaços públicos urbanos, com as propostas de animação sociocultural, com a educação, com a intervenção social, com a gestão das cidades, etc.

Por outro lado, embora a preocupação em conservar a imagem urbana deva ser considerada na salvaguarda do património, a necessidade premente de melhorar as condições de vida dos habitantes dos núcleos históricos é, sem dúvida, um dos principais desafios que se colocam ao nível da implementação de uma política de conservação urbana integrada, pois como:

- Reverter o processo de degradação do edificado sem por em causa a salvaguarda do património a partir da garantia de condignas condições de habitabilidade?
- Garantir a salvaguarda do património urbano e, por consequência, da imagem das cidades, evitando a saída de moradores e promovendo a vinda de novos moradores?

Considera-se, portanto, que não basta apenas reabilitar as fachadas dos edifícios ou somente investir em termos de uma conservação e reabilitação que prime pela manutenção da estética do tecido edificado. Neste sentido, destaca-se a importância de:

- Compreender o processo de construção da imagem urbana a partir da síntese de uma série de aspectos, factores e factos – históricos, político-ideológicos, socioculturais, económicos, geográficos e tecnológicos –, pois tais condicionantes localizam no tempo e no espaço as distintas culturas arquitectónicas que, por sua vez, estão directamente relacionadas com determinadas práticas e manifestações socioculturais.
- Analisar e interpretar a imagem urbana como um processo contínuo e dinâmico de configurações e reconfigurações.
- Analisar e interpretar as imagens do passado da cidade através da consulta em distintas fontes históricas, literárias, jornalísticas e iconográficas, mas também através do conhecimento da história oral/memória social dos seus habitantes e utentes.
- Considerar as dimensões construtivas e decorativas do património arquitectónico, de modo a ressaltar os distintos momentos históricos, a evolução do conhecimento, a influência de determinados estilos, modas e gostos.
- Respeitar a harmonia estética e compositiva, recuperando as técnicas construtivas tradicionais e aproveitando os conhecimentos dos artífices que ainda possam transmitir conhecimento.
- Conhecer e analisar os significados, sentidos, valores simbólicos, sociais e culturais inerentes à percepção que os indivíduos fazem da cidade ou núcleos históricos da nossa contemporaneidade.
- Investir na dinamização socio-económica em termos de uma perspectiva de desenvolvimento socio-local que, para além de atrair indivíduos e actividades novas, permita também a inserção social e a revitalização daqueles que já vivem no bairro, sobretudo garantindo a permanência dos jovens.
- Conhecer e analisar as distintas formas de manifestação cultural – festas, cerimónias religiosas, música, literatura, fotografia, arte popular, etc. – e os modos de vida que predominam em determinados contextos – formas e modos de trabalho, de habitar, de lazer e diversão, etc.
- Ampliar o enfoque analítico das questões relacionadas com o processo de construção e leitura da imagem urbana, de modo a não ser somente levado em consideração os aspectos semiológicos e estéticos, mas também semânticos – discursos e representações; bem como a identificar os diferentes eixos ou linhas estruturantes da imagem urbana e da sua continuidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pequena reflexão não se pretendeu enunciar soluções ou respostas que, eventualmente, pudessem contribuir para um melhor esclarecimento da relação entre a salvaguarda da imagem urbana de âmbito patrimonial e a sua respectiva reabilitação e reanimação. Muito embora tenha-se consciência da importância em investir neste tipo de

reflexão, o presente texto pretendeu apenas introduzir algumas preocupações, assim enunciando determinadas questões que permitissem ampliar a discussão sobre as questões relacionadas com a salvaguarda da imagem urbana. A presente reflexão apenas toca em alguns tópicos – os quais deverão ser mais bem estruturados, aprofundados, ampliados e analisados – que nos permitiram introduzir a discussão sobre a multidimensionalidade da imagem urbana e da sua salvaguarda. Neste sentido, considera-se que é fundamental investir numa perspectiva de análise e intervenção mais aprofundada das várias questões relacionadas com a imagem urbana, de modo a ser possível conhecer melhor a sua complexidade, as relações entre salvaguarda e reabilitação urbana, imagem e identidade urbana, manutenção e projecto, conservação e mudança, etc. Entendo ainda que tais questões encontram-se no cerne do reconhecimento de uma perspectiva de trabalho que integre as várias frentes disciplinares de abordagem para, objectivamente, se implementar um processo de conservação, manutenção e reabilitação que promova o respeito pela multidimensionalidade e dinamicidade do património urbano e da sua imagem. Aqui procurou-se salientar a importância em adoptar uma perspectiva multidimensional, complexa e dinâmica – de abordagem, análise, interpretação e intervenção. Neste sentido, partiu-se do pressuposto de que a «imagem da cidade» é um: bem patrimonial e cultural que conjuga uma variedade de dimensões (construtivas, estéticas, decorativas, sociais, culturais, simbólicas, etc.); processo de construção dinâmico e intimamente relacionado com as mudanças sociais; dos aspectos que importa salvaguardar como forma de respeito pela história urbana e social, pelo nosso passado, presente e futuro.

NOTAS

¹ Carta de Cracóvia. Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído, 2000.

² MENEZES, Marluci. Espaço, Representação e Manutenção – Estudo de Caso: Bairro da Madragoa. ITECS 34. Lisboa: LNEC, 2003 (no prelo)

MENEZES, Marluci. Territórios e Representações Colectivas do Espaço – Estudo de Caso: Bairro da Madragoa. Tese de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1996.

O que aqui é referido sobre a Madragoa, teve por base um estudo desenvolvido no bº no decurso de 1994-96 e que teve objectivos diferenciados da proposta desta comunicação. Cita-se aqui algumas conclusões deste estudo porque relacionam-se com determinadas dimensões socioculturais da imagem urbana de um contexto socio-espacial que experimenta uma intervenção urbana enquanto reabilitação do seu património. Por outro lado, porque o fio condutor daquele estudo procurava relacionar as dimensões físicas, arquitectónicas e urbanísticas com as socioculturais e simbólicas do espaço. Com o passar dos anos, estas condições contribuíram para que pudéssemos iniciar uma reflexão sobre a importância de tratar as questões relacionadas com a salvaguarda da imagem urbana, tendo como pano de fundo a sua multidimensionalidade. Observa-se ainda que o referido estudo contou com uma metodologia diversificada de recolha e análise dos dados.